

Representações mentais maternas: Um caso de trigêmeos

SARA ALMEIDA (*)

ÁUREA ATAÍDE (**)

MARIA JOÃO NASCIMENTO (***)

PEDRO PIRES (**)

PEDRO CALDEIRA DA SILVA (**)

1. INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Com o presente trabalho os autores propõem-se realizar uma reflexão teórica sobre as representações mentais maternas num contexto de gemelaridade a propósito de um caso clínico de trigêmeos.

A representação mental surge, desde Freud (1915), como uma categoria fundamental da experiência psíquica, «um investimento do traço mnésico do objecto». Este conceito teórico foi mais tarde sistematizado nos trabalhos de Sandler (1976, citado por Ammaniti, 1991), com duas significações: uma abstracta – «esquema ou organização construída na base de uma multiplicidade de impressões» – e outra do domínio da experiência – «as imagens e outros fenómenos subjectivos, compreendendo os sentimentos». Assim, um «mundo representacional», formando

uma rede de conceitos e imagens duráveis do *self* e do outro, fornecerá a toda a experiência pessoal um esquema de base de referência.

Por outro lado, com os trabalhos de Winnicott e de Bion, torna-se mais evidente a importância do mundo fantasmático da mãe na construção do sentido de identidade da criança. Em 1980, com o artigo *Ghosts in the Nursery*, S. Fraiberg enfatiza a importância das fantasias mentais maternas na génese da patologia da relação mãe-criança ou na formação de sintomas nesta.

No que diz respeito à representação materna, Fraiberg, referia em 1982 que: por representação materna, entendemos todas as fantasias da mãe, os seus medos, seus desejos, percepções selectivas, atribuições, etc..

Sabemos também que os clínicos que estão interessados, de um ponto de vista psicanalítico, no estudo das perturbações mãe-criança, são extremamente atentos à influência potencialmente patológica das representações maternas que são largamente discutidas em termos de fantasmas e identificações.

Bowlby (1988), no domínio da teoria da vinculação, contribuiu de forma notável para o estudo das representações, através da conceptualiza-

(*) Psicóloga Clínica.

(**) Pedopsiquiatra.

(***) Enfermeira Especialista em Saúde Mental e Psiquiátrica.

ção do *modelo funcional interno* (*internal working model*) – que definiu como representações mentais dinâmicas que actuam fora da consciência e que se constituem a partir da experiência relacional precoce com as figuras de vinculação. Estas representações correspondem a esquemas cognitivos de interpretação da realidade, mas adquirem características mais complexas que incluem os afectos, as fantasias conscientes e inconscientes, a memória e os planos de acção importantes nas relações significativas.

Em 1991, Daniel Stern referia-se deste modo ao mundo mental, imaginário e subjectivo das representações: «Existe o bebé real nos braços da mãe e existe o bebé imaginado na sua mente. Também existe a mãe real, segurando o bebé, e existe a sua ideia imaginada de mãe nesse momento. No final, existe a acção real de segurar o bebé, e existe a acção imaginada desse acto de segurar, em particular.»

Como referiu Goshen-Gottstein, em 1976 (citado por Menze & Rotemen, 1990), a crise normal de adaptação para a situação de parentalidade é complexificada nos nascimentos múltiplos.

Assim, nas situações de gravidez múltipla no âmbito da qual se inscreve o nosso trabalho, não só a parentalidade adquire múltiplos significados, como também a vinculação materna, já não a uma mas a várias crianças simultaneamente, toma outro significado.

O autor acrescenta também que o que toma a maior importância no processo de vinculação em crianças gémeas é a capacidade da mãe (e do pai) para identificar e distinguir as características de cada criança individualmente e promover o estabelecimento de uma positiva e apropriada vinculação a cada criança.

Como referem Greenspan, Allen e Pollin em 1977, a percepção dos pais relativamente aos seus filhos gémeos, está dependente das características de personalidade de cada criança, que por sua vez se reflectem nos diferentes comportamentos parentais.

O caso clínico que passaremos a apresentar foi observado na Unidade da Primeira Infância a pedido dos pais, por necessidade de inserção das crianças num infantário.

1.1. Caso Clínico

À data da 1.ª consulta os bebés tinham 4 me-

ses, sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino. Apesar do motivo de consulta inicialmente relacionado com a integração das crianças na creche, foi para nós evidente na primeira observação a grande preocupação dos pais relativamente aos comportamentos do gémeo Filipe. Diz-nos o pai: «Ele deixa-nos sempre mal vistos quando saímos de casa, porque se porta sempre muito mal. É irrequieto e demonstra uma instabilidade constante. Chora, chora, chora...»

O Filipe, tal como os irmãos, Maria e José, é o primeiro filho de um casal jovem, de uma gravidez desejada, cuja principal intercorrência foi o baixo peso de um dos bebés - o Filipe. O parto, por cesariana, ocorreu às 34 semanas, sem complicações. As três crianças permaneceram na incubadora: a Maria durante uma semana, o José durante duas e o Filipe durante um mês.

Após a primeira consulta, percebemos que não existiam dificuldades aparentes na relação dos pais com o José e a Maria e que estes apresentavam um desenvolvimento adequado. Porém em relação ao Filipe, consideramos que eram evidentes as dificuldades na relação, pelo que se tratava de uma criança em risco. Apresentava também, nessa altura, alterações do sono e alimentares bem como um desenvolvimento estatoponderal abaixo do apresentado pelos irmãos.

Tendo em conta estes aspectos, iniciámos na nossa equipa uma intervenção terapêutica a esta família, que constou de apoio domiciliário à família pela enfermeira da equipa e consultas terapêuticas na nossa instituição.

No âmbito desta intervenção, várias questões importantes se foram relativamente às dificuldades experimentadas pela mãe na relação com as crianças, em especial o Filipe. Desta forma, pareceu-nos adequado realizar um estudo mais aprofundado das representações maternas.

2. METODOLOGIA

O instrumento de trabalho utilizado nesta investigação, foi a Entrevista R modificada. A Entrevista R é um instrumento de avaliação das representações maternas desenvolvido por um grupo internacional, liderado por Daniel Stern e Cristhiane Robert-Tissot em Genève (Stern, 1989).

Escolhemos este instrumento pelo facto de

não só nos permitir uma melhor compreensão do mundo representacional da mãe, mas também porque, pelas interrogações levantadas e pela reflexão que o seu preenchimento exige, constituir em si mesmo um contributo para o trabalho terapêutico.

A Entrevista R é composta por 28 itens, sendo 10 dos itens gerais e dizem respeito à descrição da criança, papel dos acontecimentos importantes do passado da criança, descrição da mãe enquanto mãe, papel da avó materna, semelhanças da criança com a família, influência do passado e presente da mãe, afectos ligados às representações, auto-estima materna e receios e desejos da mãe para o futuro da criança.

A sua passagem aconteceu após a 1.^a consulta, em três visitas domiciliárias realizadas pelos autores à família. A ordem pela qual se realizou essa passagem, relativamente a cada um dos trigêmeos, foi decidida pela mãe: a primeira das crianças foi o José, depois a Maria e finalmente o Filipe.

A cotação realizou-se da seguinte forma: para os itens que se encontram construídos sob a forma de escala de Lickert, optámos por cotar as respostas que se encontravam no limite da escala (ou seja com o valor máximo); para os itens 1, 7 e 11 cotámos as respostas tendo em conta a dimensão da representação e a tonalidade afectiva das representações; para os itens 4, 10 e 14 cotámos o tipo de coerência das respostas; para os itens 20 e 21 a identificação das crianças aos progenitores; para o item 9 a representação da mãe enquanto mãe; para os 9 e 17 comparámos a identificação da mãe à sua própria mãe, e para o item 5 os acontecimentos importantes do passado da criança.

Após a passagem da entrevista R, foi aplicada a Escala de temperamento de Bates – ICQ – um questionário desenvolvido pelo autor para avaliar o constructo *Temperamento difícil do bebé*, que pretende medir a percepção que a mãe tem do temperamento da criança. Mais uma vez foi seguida a mesma ordem de passagem.

Aquando da passagem das Escalas as crianças tinham 9,5 meses.

Passaremos de seguida a partilhar convosco os resultados e a análise das entrevistas realizadas.

3. RESULTADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Entrevista R – Resultados da aplicação para as 3 crianças:

Tal como já referimos, os itens: 1- descrição da criança; 7- descrição da própria como mãe e 11- descrição do pai como pai, foram analisados segundo os seguintes parâmetros:

1. Dimensão da representação

Consideramos que a *dimensão da representação* era rica se fossem fornecidos quatro ou cinco adjectivos na descrição espontânea. A dimensão da representação foi considerada rica relativamente à descrição das três crianças.

2. Tonalidade afectiva das representações

Quando mais de 75% dos adjectivos enumerados eram de tonalidade positiva atribuíamos à representação uma *tonalidade afectiva* positiva. No item 1 verificamos que foi positiva relativamente a duas crianças e negativa para o Filipe. Nos outros itens, a tonalidade foi sempre positiva e sem grandes variações.

Relativamente aos itens 4, 10 e 14, em que era pedida a descrição episódica versus semântica respectivamente, da criança, da mãe e do pai, analisámos a *coerência das representações*. Esta análise foi realizada tendo em conta o material fornecido pela mãe, quando lhe era pedido que evocasse episódios recentes ilustrativos de dois dos adjectivos que havia enumerado anteriormente. Considerámos existir coerência das representações para todos os itens nas três crianças.

Nos itens 20 e 21 avaliámos a *identificação das crianças aos progenitores*, tendo chegado aos resultados ilustrados no Quadro 1.

A gama das identificações do Filipe, cuja representação é mais negativa, é francamente mais restrita e destas identificações não fazem parte atributos ou características da mãe.

No que diz respeito à *Representação da mãe enquanto mãe* (Quadro 2) obtemos os resultados apresentados no Quadro 2, em que podemos constatar que, quando é pedido à mãe para se caracterizar a si própria como mãe, no item 9 constata-se uma riqueza de adjectivos com tonalidade afectiva positiva no caso do José, que não se verifica relativamente às outras duas crianças.

QUADRO 1
Identificação das crianças aos progenitores

	Mãe	Pai	Avós paternos
José	Calma/ternura	Boa disposição	Aspecto físico
Maria	Aspecto físico Activa	Aspecto físico	
Filipe		Aspectos físicos e psicológicos	

QUADRO 2
Representação da mãe enquanto mãe

	José	Filipe	Maria
Afectuosa	*		
Tolerante	*		
Confiante	*		*
Disponível	*		
Paciente	*		
Brincalhona	*	*	
Generosa	*	*	
Preocupada	*		*
Satisfeita no seu papel de mãe	*		
Papel de mãe fácil			

Relativamente à comparação entre os itens 9 («Você como mãe») e 17 («Traços pessoais: a sua mãe como mãe»), ou seja, relativamente à *Identificação da mãe à sua própria mãe*, obtemos os resultados apresentados no Quadro 3.

Os resultados apresentados neste Quadro mostram-nos que a identificação da mãe à sua própria mãe adquire maior semelhança quando esta se refere ao filho Filipe e menor quando se refere ao José.

No item 5, a mãe enumerou *Acontecimentos importantes no passado* das crianças, que considerou relevantes na sua relação actual com os filhos, referindo, em relação ao José, acontecimentos que considerou terem influenciado positivamente a sua relação com o bebé, nomeada-

mente as convulsões febris, que, como disse, «os aproximaram». Em relação à Maria, foi referido um acontecimento considerado como uma influência negativa na relação mãe-filha (laringomálacea). No que diz respeito ao Filipe, o facto de ter sido «o mais pequenino e não saber se ia vingar» (sic), durante a gestação, influenciou negativamente, segundo a mãe, a sua relação com o filho. O facto de ter sido o último a ir para casa não foi referido como acontecimento importante.

Relativamente ao item 24 – *Experiência do passado da mãe* –, constatamos que dos poucos elementos que a mãe refere, o que nos parece mais relevante é o facto de ter trabalhado numa Instituição do Ensino Especial. Este aspecto levanta a hipótese (a ser confirmada na clínica) de

QUADRO 3
Identificação da mãe à sua própria mãe

	José	Filipe	Maria
Afectuosa	1	2	0
Tolerante	6	4	4
Confiante	9	5	7
Disponível	6	2	6
Mãe-galinha	16	14	8
Paciente	4	3	3
Condescendente	21	9	8
Brincalhona	3	2	2
Controladora	2	3	10
Generosa	2	2	1
Preocupada	10	2	6
Satisfeita no seu papel de mãe	0	0	1
Papel de mãe fácil	6	3	6
TOTAL	86	51	62

QUADRO 4
Traços pessoais da criança

	José	Filipe	Maria
Activo	*	*	
Calmo	*		*
Alegre	*	*	
Bonito	*	*	
Inteligente	*	*	
Receptivo	*	*	
Caloroso	*		
Dependente	*	*	
Vivo	*		*
Afectuoso	*		
Fácil			

QUADRO 5
A mãe como pessoa

	José	Filipe	Maria
Afectuosa	*		*
Viva	*		*
Calorosa	*		*
Confiante	*		
Receptiva	*		
Sociável	*		
Pacífica	*		
Calma	*		
Activa	*		

QUADRO 6
Pai das crianças como pessoa

	José	Filipe	Maria
Afectuoso	*	*	*
Vivo	*	*	*
Receptivo	*	*	*
Alegre	*	*	*
Sociável	*	*	
Activo	*		
Empreendedor			

que as dificuldades na relação com o Filipe, estejam muito condicionadas pelos receios de que o filho possa vir a ter dificuldades e tornar-se permanentemente dependente dela. Isto poderá ajudar-nos a compreender o facto de o mesmo adjectivo, «dependente», ter uma ressonância afectiva muito diferente quando atribuído ao José, filho narcisante, e ao Filipe, o filho que teria exigências impossíveis de satisfazer (o que lhe invoca a falha).

O item 3 diz respeito aos *Traços pessoais da criança*. Como indicado no Quadro 4, a mãe dá um tipo de respostas em que mais uma vez constatamos a riqueza dos adjectivos na caracterização do José relativamente aos irmãos.

No item 22, analisamos a representação de A

Mãe como pessoa. Neste item, confrontamo-nos com um dado importante (Quadro 5): a mãe define-se como pessoa de forma diferente para cada uma das crianças, aparecendo mais uma vez a atribuição da sua parte de pontuação máxima nos adjectivos da entrevista do José.

Da análise do item 23 – *Pai das crianças como pessoa* – podemos verificar, de acordo com os resultados apresentados no Quadro 6, uma distribuição mais homogénea dos adjectivos.

Relativamente aos resultados obtidos através da Escala de Bates, que nos permitiria identificar características particulares do comportamento da criança, apenas foi identificado o primeiro factor, que diz respeito a características de Temperamento considerado «Difícil/Exigente/Irrita-

do», com valores fora da média esperada, para o Filipe e a Maria.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Com base na análise dos dados obtidos na entrevista R, podemos concluir que em termos da dimensão e tonalidade afectiva das representações, não parecem existir diferenças importantes relativamente às três crianças, sendo estas representações predominantemente ricas e positivas.

Uma questão surge então como de primordial importância: como poderemos explicar e compreender as dificuldades que uma das crianças apresenta quer em termos individuais, quer na sua relação com a mãe?

Os resultados obtidos na escala de Bates dão-nos conta de que há da parte da mãe uma percepção de temperamento difícil dos bebés Filipe e Maria, obtendo o primeiro valores muito superiores aos valores médios esperados. Se pensarmos na situação de nascimentos múltiplos como causadora de um stress adicional à experiência da parentalidade, estes aspectos podem adquirir maior significado.

No entanto, relativamente ao caso de Filipe, outros aspectos nos parecem de crucial importância. Este bebé foi o último a nascer, o que permaneceu mais tempo internado e o último a ir para casa. Este aspecto leva-nos ao encontro da investigação realizada por Klaus e Kennell (1976), quando estudaram extensivamente a separação pós-parto e a vinculação materna na gemelaridade. Os autores concluíram que os pais começam por se vincular preferencialmente a uma criança de cada vez. E se pensarmos deste ponto de vista, verificamos que o processo de vinculação a esta criança sofreu vicissitudes desde este primeiro momento.

Percebemos então que os efeitos específicos dos nascimentos múltiplos – que no caso do Filipe incluiu o baixo peso à nascença, o facto de ser o último a nascer e de ser o último a ir para casa – contribuíram para o risco de interferência no processo de vinculação mãe/criança.

Para além deste aspecto, as características constitucionais e de temperamento da criança – exigente, irritável, com dificuldades de sono e alimentares –, fomentaram também as dificuldades que ocorreram na sua relação com a mãe.

Por outro lado, a Entrevista R permitiu-nos também observar um outro aspecto interessante: quando é pedido à mãe para se caracterizar enquanto pessoa, os valores obtidos na entrevista do Filipe são bastante inferiores aos obtidos para as mesmas perguntas, com as outras crianças. Pensamos que devemos tentar perceber este aspecto relativamente à comparação entre a representação da mãe enquanto mãe e à identificação da mãe com a sua própria mãe. A avó materna destas crianças, também tivera, ela própria, crianças gémeas que morreram com um ano de idade. Se encarmos a repercussão a nível fantasmático deste acontecimento, poderemos melhor compreender o motivo pelo qual é na representação como mãe do Filipe, que esta se identifica mais à sua própria mãe – exactamente como mãe da criança mais frágil, mais exigente, que lhe suscita desde cedo mais angústias e medos, e com a qual só tardiamente pode vincular-se. Como referem Menzel e Rotmen (1990) os sentimentos da mãe acerca da sua própria relação com a sua mãe estão directamente envolvidos no processo de vinculação entre ela e os seus filhos.

Para finalizar, há ainda a referir o papel importante em termos terapêuticos que a entrevista R assumiu neste caso, já que nos permitiu abordar com a mãe aspectos do seu passado, que se revestiam de grande importância. Todavia, em termos de compreensão da existência ou não de uma única representação no caso de gravidezes gemelares não se revelou o instrumento mais adequado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bates, J. E. (1979). *Infant characteristics questionnaire (ICQ)*. Department of Psychology, Indiana University, Bloomington, IN 47405.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Fonagy, P., Steele, H., & Steele, M. (1991). Maternal representation of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, 62, 891-905.
- Fraiberg, S. (1982). Pathological defenses in infancy. *The Psychoanalytical Quarterly*, 4, 612-635.
- Fraiberg, S., Adelson, E., & Shapiro, V. (1980). Ghosts in the nursery: a psychoanalytic approach to the problems of impaired infant-mother relationships (pp. 164-196). In S. Fraiberg (Ed.), *Clinical studies in infant mental health*. New York: Basic Books.

- Goshen-Gottstein, E. (1976). The mothering of twins, triplets, and quadruplets. *Psychiatry*, 43, 189-204, citado por Menzel, B., & Rotmen, D. (1990). Multiple birth and its influence on the mothering experience: a case of parent – infant psychotherapy with quadruplets. *Infant Mental Health*, 11 (1), 26-36.
- Sandler, J. (1976). Actualization and object relationships. *Journal of the Philadelphia Association of Psychoanalysis*, 3, 59-70, citado por M. Ammaniti (1991). Maternal representations during pregnancy and early infant-mother interactions. *International Mental Health Journal*, 12 (3), 234-246.
- Stern, D. (1991). Maternal representations: a clinical and subjective phenomenological view. *Infant Mental Health*, 12 (3), 174-182.
- Stern, D., Robert-Tissot, C., Besson, G., Rusconi-Serpa, S., de Mural, M., Cramer, B., & Palacio, F. (1989). L'entretien R: une méthode d'évaluation des représentations maternelles. In *Evaluation des interactions précoces entre le bébé et ses partenaires*. Paris: Eshel, Genève: Ed. Médecine & Hygiène.

RESUMO

É bem conhecido o facto de a representação mental materna influenciar as interacções mãe-criança e desta forma o desenvolvimento psicoafectivo do bebé. Com os trabalhos de D. Winnicott e de W. Bion torna-se mais evidente a importância do mundo fantasmático da mãe na construção do sentido da identidade da criança.

Em 1980, com o artigo *Ghosts in the Nursery*, Selma Fraiberg enfatiza a importância das fantasias mentais maternas na génese da patologia da relação mãe-criança ou na formação de sintomas nesta.

A propósito de um caso clínico de trigémeos, os autores propõem-se realizar uma reflexão teórica sobre as representações mentais maternas num contexto de generalidade. O caso clínico apresentado foi observado na nossa unidade a pedido dos pais, por necessidade de inserção das crianças num Infantário.

À data da primeira consulta, os bebés tinham quatro meses, sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino. Pela observação, tornaram-se evidentes as diferenças da interacção mãe-criança em relação aos

três bebés. Assim, uma questão nos surgiu: existirá uma única representação materna para todas as crianças, sendo a representação individual subsidiária desta, ou existirão à partida representações maternas diferentes?

Para uma abordagem mais objectiva desta questão e do caso clínico, utilizámos os seguintes instrumentos: entrevista R – método de avaliação das representações maternas de Daniel Stern, Cristianne Robert-Tissot et al. – e a Escala de Temperamento de Bates-ICQ.

Palavras-chave: Gémeos, representação mental materna, Entrevista R.

ABSTRACT

It's well known the fact of the influences of the maternal representation in the infant-mother interaction and by this way, the psycho-affective development of the baby. With the work of D. Winnicott and W. Bion, becomes clearly the importance of the phantasmagoric world of the mother at the construction in the way of the child identity.

In 1980, with the article *Ghosts in the nursery*, Selma Fraiberg values the amount of maternal fantasies in the relationship infant-mother pathology genesis or the arrangement of symptoms there.

By the way, at multiple birth clinical case, the authors propose realizing a theoretical reflection about the maternal representation in a multiple birth context. The clinical case presented were observed in our unit for the need of children insertion at the nursery-school, by parents request.

At first assessment, the babies were four months, two boys and one girl. During observations, became clearly the differences of the infant-mother interaction among the three babies. And then a question came up: will it exist only one maternal representation and for each child a subsidiary representation or will it exist different maternal representations?

For a clear approach of this question we use the Interview R (D. Stern, Robert-Tissot, et al.) and the ICQ.

Key words: Twins, maternal representation, Interview R.